



ENTREVISTA

SACI & DJ GORDO - TÁ LIGADO HIP HOP: MÚSICA E ENGAJAMENTO SOCIOCULTURAL NO ESPAÇO ELETROMAGNÉTICO SOROCABANO

Felipe Parra¹

Thífani Postali²

RESUMO: Esta entrevista com Thiago Henrique (Saci) e Alexandre Batista (DJ Gordo) pretende apresentar os pontos de intersecção entre o movimento Hip Hop sorocabano e o conceito de rádio livre e comunitária. Em específico, observa-se como a iniciativa do programa Tá Ligado HIP HOP, da rádio comunitária Cultural FM 87.7, pode fortalecer movimentos socioculturais que se ramificam a partir da música e do rádio. Para cumprir os objetivos propostos, a entrevista usa alguns conceitos que fazem parte da história oral temática (Meihy, 2002; Hoffman, 2015; Lozano, 2006) e entrevistas semiestruturadas (Bernal Torres, 2006; Manzini, 1990/1991; Triviños, 1987) como metodologias investigativas. Tais procedimentos são utilizados como base para a elaboração de um percurso metodológico. Ou seja, processos são adaptados, no intuito de verificar uma problemática inserida no campo da Comunicação e da Cultura.

PALAVRAS-CHAVE: *Rádio. Rádio livre. Rádio Comunitária. Hip Hop sorocabano. Rap sorocabano.*

¹ Docente dos cursos de Design e Jogos Digitais (UNISO). Docente dos cursos de Publicidade e Propaganda e Design Gráfico da Universidade Paulista (UNIP Sorocaba). Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. ORCID: 0000-0002-4160-3065. E-mail: felipe.parra@usp.br.

² Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSCar. Líder do grupo de pesquisas em Comunicação Urbana e Práticas Decoloniais (CNPq-Uniso) e membro da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Folkcom). ORCID: 0000-0003-0541-7203. E-mail: thifanipostali@gmail.com.

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 15 - Volume 01 - Edição 31 - Janeiro - Junho de 2025

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

ABSTRACT: This interview aims to present the points of intersection between the Hip Hop movement in Sorocaba and the concept of free and community radio. Specifically, it examines how the initiative of the Tá Ligado HIP HOP program, from the community radio station Cultural FM 87.7, can strengthen sociocultural movements that branch out from music and radio. To achieve the proposed objectives, the interview employs concepts from thematic oral history (Meihy, 2002; Hoffman, 2015; Lozano, 2006) and semi-structured interviews (Bernal Torres, 2006; Manzini, 1990/1991; Triviños, 1987) as investigative methodologies. These procedures serve as a foundation for developing a methodological path. In other words, processes are adapted to address a problem within the field of Communication and Culture.

KEYWORDS: *Radio. Free radio. Community radio. Hip Hop in Sorocaba. Sorocaba Rap.*

INTRODUÇÃO

A rádio comunitária *Cultural FM 87.7*³, localizada no Parque Laranjeiras em Sorocaba–SP, tem sido um ponto de referência para a disseminação e manutenção do Hip Hop da região. Isso se deve ao programa *Tá Ligado HIP HOP*, iniciado em setembro de 2023, que se dedica a explorar e promover os diversos aspectos dessa prática sociocultural. Hoje, apresentado por Ana Paula de Oliveira Lima, conhecida no meio artístico como “Paula Sinapse”, Thiago Henrique, conhecido como “Saci”, e Alexandre Batista, que atende pelo apelido de “DJ Gordo”⁴, o programa tem se destacado nas

³ As rádios comunitárias são emissoras previstas na lei que têm a finalidade de se relacionar com uma determinada comunidade. Basicamente, a função dessas ações é proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Essas iniciativas sem fins lucrativos oferecem a oportunidade de divulgar ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais difundidos dentro da comunidade (Parra, 2023). A rádio comunitária *Cultural FM 87.7* possui uma programação variada, com diversos programas e gêneros musicais, incluindo a programação gospel. Pertencente à Associação Comunitária Cultural de Sorocaba, a rádio não possui dono e sim um corpo social civil eleito que a administra.

⁴ DJ é a abreviação de "disc jockey". Um DJ é uma pessoa que seleciona, mixa e toca músicas para uma audiência. Tradicionalmente, os DJs usavam discos de vinil, mas atualmente eles podem usar uma variedade de formatos, incluindo CDs, arquivos digitais e até mesmo streamings ao vivo.

manhãs de sábados⁵ como difusor de músicas e ideias produzidas na periferia sorocabana (Fig. 01). Além dos apresentadores, há a participação, em algumas edições, da estilista May Aguiar, com comentários sobre moda e a colaboração de DJ Vily na realização do marketing digital⁶.

Thiago Henrique traz para o programa uma compreensão das nuances do Hip Hop, combinada com o compromisso de promover talentos locais. Alexandre Batista, complementa essa dinâmica com seu conhecimento musical e artístico, criando uma experiência auditiva que dialoga com a periferia sorocabana. Juntos, eles não apenas entretêm, mas educam e inspiram ouvintes, fomentando uma comunidade unida pelo Hip Hop.

Nesta entrevista, mergulhamos nos bastidores do *Tá Ligado HIP HOP*, explorando a trajetória dos apresentadores fixos no período da realização da entrevista: DJ Gordo e Saci. Eles descrevem os desafios enfrentados e as vitórias conquistadas. O objetivo aqui é verificar o impacto sociocultural dessa ação e a importância do rádio como catalisador para o movimento Hip Hop em Sorocaba.

ENTREVISTA

⁵ O programa *Tá Ligado Hip Hop* vai ao ar aos sábados, das 12h00 às 14h00.

⁶ Por se tratar de uma atividade voluntária, até o momento da entrevista (março de 2024) o programa não possuía planejamento ou planilha de participação de colaboradores e convidados/entrevistados. Estivemos em duas ocasiões no programa, sendo a primeira com a participação da autora Thífani Postali, em dezembro de 2023, como convidada e entrevistada por Márcio Brown - hip hopper e ativista sorocabano, Saci e DJ Gordo. Por esse motivo, selecionamos entrevistar os apresentadores fixos Saci e DJ Gordo. Após esse período, outras pessoas foram se integrando e participando com mais frequência, como é o caso da apresentadora Ana Paula Sinapse, da estilista May Aguiar e da Dj Vily. Assim, optamos por incluir no texto os nomes que se fixaram depois para destacar a participação das mulheres.

Figura 01 - (da esq. para dir.) Alexandre Batista (Dj Gordo) e Thiago Henrique (Saci).



Fonte: arquivo pessoal de Thífani Postali.

Felipe Parra e Thífani Postali: Para iniciarmos esta entrevista, é interessante ouvir dos próprios apresentadores fixos a trajetória do programa *Tá Ligado HIP HOP*. Quais são as origens dessa iniciativa?

6

Thiago Henrique: Bom, eu sou o Thiago, conhecido pela rapaziada do Hip Hop como “Saci”, venho de outro programa da rádio *Cultural FM 87.7* que era o *Informasom*. Eu fazia parte juntamente com o Dinho, um amigo nosso. Infelizmente ele foi assassinado. A gente foi assaltado na própria rádio comunitária e levaram nossos pertences, incluindo a moto dele. Ele foi atrás e aconteceu todo um desfecho trágico. Nessa época, o programa já tinha uns cinco anos. Fazíamos vários projetos solidários, como a arrecadação de alimentos. Esses dias, eu estava vendo as redes sociais dele e lá falava que o Hip Hop salvou a vida dele. A rádio *Cultural FM 87.7* é comunitária. Apesar de estar dentro da igreja, ela não é parte dessa instituição, apesar de ter programas ligados à igreja. O Rap aqui na rádio veio de bastante luta. Sempre teve Rap aqui porque ela começou como uma

rádio pirata⁷, fundada pelo padre Benedito e por mulheres da própria comunidade da igreja. Então o padre viu a necessidade de se comunicar com a população, com os membros da igreja e acabou abrindo essa iniciativa. Na época vinha a rapaziada do *Olho Vivo*, do Grêmio Estudantil da Escola Antônio Cordeiro, e a gente gostava bastante de estar participando. Era na parte debaixo, mas já tinha a ideia de legalizar. Era tudo difícil, muito burocrático. Não sei informar direito quanto tempo foi, mas foi rápido, não demorou muito não.

F.P. e T.P.: Então, o programa *Informasom* foi uma iniciativa sua e do Dinho.

T. H.: Na verdade, começou eu, o Dinho, o Josué, da biblioteca comunitária e o Irineu, que era do *Sigilo ZN*. Acho que o Rafael também, se não me engano. Cada domingo vinha um, quando podia. No fim de tudo, o Josué começou a fazer cobertura dos jogos de várzea. Aí sobrou para gente. Era todo domingo, do meio-dia às duas, até chegar no *Tá Ligado HIP HOP*.

7

F.P. e T.P.: Essa vontade de reverberar o Rap pelas ondas do rádio surgiu como?

⁷ Aqui vale uma breve explicação sobre rádios piratas e rádios livres. As rádios piratas surgiram no norte da Europa, principalmente na Inglaterra, nos anos 1950 e 1960, em resposta ao monopólio estatal da radiodifusão, especialmente o da BBC. Essas emissoras ilegais transmitiam de navios e plataformas em águas internacionais, fora do alcance das leis britânicas, e eram impulsionadas por interesses econômicos. Já as rádios livres, assim como as rádios piratas, operam na ilegalidade, mas diferem ao não buscar lucro. Seu objetivo é proporcionar um espaço para diferentes vozes e ideias, funcionando de forma alternativa e coletiva. Essas emissoras clandestinas promovem a difusão de informações que contestam o monopólio dos meios de comunicação tradicionais, muitas vezes focadas em apoiar movimentos sociais e minorias. A ideia principal é que o povo se torne produtor de conteúdo, rompendo com a lógica tradicional entre emissor e receptor (Parra, 2023). Neste trecho da entrevista, percebe-se uma confusão comum entre os termos *rádio pirata* e *rádio livre*, algo frequente no contexto sorocabano. Quando o entrevistado afirma que a emissora começou como uma rádio pirata, na verdade ele se refere ao fato de que as atividades radiofônicas da *Cultural FM 87.7* tiveram início como uma rádio livre.

T. H.: Sempre gostamos da música. A gente pegava o *take* e ficava gravando raps que passavam nas rádios, como a rádio *Band FM 105.9*. Inclusive, nas rádios piratas de Sorocaba tocava muito rap. A gente pegava, sintonizava e via sempre os locutores como o Nuno Mendes. Ficávamos prestando atenção no jeito que o pessoal se comunicava, nos salves, assim. Éramos loucos para ligar na rádio para mandar um salve para quebrada, de onde a gente era. Quando surgiram as oportunidades de fazer programas de rádio, abraçamos a ideia. Comecei num programa que chamava *Nação Hip Hop Brasil*, que era uma rádio pirata próxima daqui (Laranjeiras). Dentro dessa rádio pirata tinham vários programas de Rap. Faz quase uns 20 anos isso.

Alexandre Batista: Em rádio comercial o Rap nunca teve espaço e a gente queria montar um lugar onde tocasse não só o som que tem por fora, mas sim da nossa quebrada. Os caras que cantavam na vila não tinham espaço e a gente queria esse espaço para eles. Aqui temos a programação, lançamento de som etc. Toda semana a gente tem um lançamento de som de uma pessoa, de um grupo diferente, mostrando a quebrada, não só os grandes como os *Racionais*, mas também os pequenos que estão começando.

F.P. e T.P.: É notório como o *Tá Ligado HIP HOP* representa as ideias que circulam na periferia sorocabana. Devido a isso, vocês conseguiram uma audiência considerável na região. Como esses ouvintes participam do programa?

T. H.: Eles mandam mensagens, mandam salve, pedem música etc. Geralmente, pedem a música dos próprios parceiros. A maioria dos pedidos são de grupos aqui da cidade de Sorocaba. O movimento é muito grande.

A.B.: Se não nos apoiarmos, os outros de fora não vão fazer isso. Por que comprar uma camiseta de marca que custa R\$ 150, sendo que a camiseta do meu parceiro custa R\$ 50? É a mesma qualidade. Eu prefiro comprar e fortalecer a quebrada do que ajudar os mais ricos.

F.P. e T.P.: Nos anos 80, pessoas amantes do rádio montaram suas próprias rádios autônomas, criando assim o movimento das rádios livres sorocabanas. Em 1982, a cidade contou com mais de 100 rádios livres no ar (Nunes, 1995). Isso mostra a potência dessa iniciativa. Vocês conheciam esse movimento?

T. H.: O primeiro programa que participei era uma rádio livre. Era o sonho de todo moleque comprar uma antena, uma aparelhagem, e colocar Rap para tocar, dar salve. Se você trocar ideia com dez MCs⁸ da cidade ou DJs, eles vão falar “putz, eu estava com tudo para montar uma radinho para mim”. Todos querem ser ouvidos, estar participando do movimento. No programa *A Voz do Brasil*⁹ entravam as rádios livres no ar. A gente ficava ouvindo Rap, os caras deixavam rolando CDs inteiros, a gente ouvia o álbum inteiro pelo rádio. Agora, sobre as rádios dos anos 80, eu não conhecia, pelo menos. Eu não sei se essa rádio que tinha aqui no bairro é dessa época. Tinha uma no bairro Mineirão, tinha no bairro Ipiranga, tinha em vários lugares. Acho que comecei a ouvir em 1998, 1999. Em 1997, saiu o CD do *Racionais* chamado *Sobrevivendo no Inferno*. Eu estava na sétima série e escrevíamos a letra do *Diário de Um Detento* no caderno. Nessa época já tinha *Sistema Negro*, tinha o *Pepeu*, mas eu ouvia em bailes de casa. Começava a tocar o *Martinho da Vila*, meus tios intercalavam com *Thaide*.

F.P. e T.P.: Como apresentadores, vocês julgam que possuem liberdade de expressão no programa *Tá Ligado HIP HOP?*

⁸ Mestre de Cerimônia é o elemento do Hip Hop que produz as letras e poesias. Geralmente, faz dupla com o (a) DJ que comanda os aparelhos de som e determina o ritmo da rima.

⁹ No Brasil, o Estado demonstrou interesse pelo rádio como meio pedagógico e de propaganda institucional, mas enfrentou dificuldades para explorá-lo efetivamente. Em 1934, foi instituído a obrigatoriedade de retransmissão em cadeia de rádio do programa "Voz do Brasil", cuja produção ficou a cargo do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (Nunes, 1995).

T. H.: Aqui é bem livre. A gente é responsável pelo que a gente fala. Tem uma certa preocupação com o que se fala, a rádio comunitária pega e analisa. É por isso que a gente não pode ter a demanda de patrocínio. Tem que falar de apoio cultural. Tem toda uma lei, uma regra que tem que ser cumprida.

F.P. e T.P.: Nesse contexto, o que é liberdade de expressão?

A.B.: Falar o que você imaginar, é ser livre, você falar o que for sem ninguém te oprimir.

T.H.: Na verdade, é meio utopia a liberdade de expressão, porque a gente sempre é punido por alguma coisa. Na verdade, tem o peso de quem tá falando. Por exemplo, se é eu falando, é um peso. Se é o Dj Gordo falando é outro peso, se é o cara de outro lugar é outro peso. A gente tá na quebrada e sempre somos taxados de explosivos. Hoje em dia a gente deu uma maneira, mas a gente saía na época do passe livre¹⁰ que nem louco (risos). A gente parou o trânsito no meio da avenida Itavuvu, tomamos spray de pimenta dos policiais. Sempre fomos muito ativos. A gente tinha uma posse¹¹ que se chamava *Rima e Revolução*, que o Josué foi um dos que fundaram, com várias outras pessoas. Mas ele foi o cara que foi mais de unir a galera do Hip Hop. Inclusive ele era fã de Hip Hop, nunca foi MC, nunca foi nada. Vamos dizer que ele seria um quinto elemento, um cara do conhecimento. Ele fazia questão de estar organizando esses grupos de Rap para tá tocando na escola do Antônio Cordeiro, nos movimentos de rua e o sonho dele era ter a biblioteca comunitária. Tudo isso é parte da gente, isso até chegar numa rádio pirata para

¹⁰ Manifestações ocorridas em meados de 2000 para conquistar o passe livre municipal.

¹¹ No Hip Hop as posses se referem a movimentos formados por pessoas e grupos que são marcados por princípios comuns. As associações podem ter caráter formal ou informal. A *Rima Revolução* era uma posse informal que reunia jovens de diversas regiões da cidade de Sorocaba.

fazer o primeiro programa, até tá dando uma entrevista aqui. O Marcelino, rapaziada do *Olho Vivo*, o nosso bairro é muito ativo na cidade.

F.P. e T.P.: Tem posse?

T. H.: O *Rima e Revolução* era uma posse grande, iniciada em meados de 2000, na escola Antônio Cordeiro e encabeçada pelo Josué. Era da zona norte, eu era da zona leste, e o movimento que falavam dessa *Rima Revolução* era gigante. A gente tinha umas camisas do Zumbi dos Palmares, da Dandara dos Palmares, umas frases atrás. O sonho nosso era que o dia 20 de novembro fosse feriado. O Dia da Consciência Negra tem que ser feriado. Inclusive o próprio Josué que falou para o Raul Marcelo¹² na época fazer a semana do Hip Hop na cidade na semana do dia 20. Ele, junto com a gente, fez bastante abaixo assinado, ia de busão, a pé, conversar com os caras da Zona Oeste, ia lá no bairro do Éden. Toda essa caminhada na prefeitura, umas três, quatro vezes no dia.

11

F.P. e T.P.: Podemos afirmar então que a tática¹³ utilizada no movimento se transmutou durante os anos? Passou de uma coisa mais combativa na juventude, para hoje uma tática discursiva de agregar a todos que se interessam pelo Hip Hop?

T. H.: É sim.

¹² Raul Marcelo, então candidato a vereador de Sorocaba, na época.

¹³ O termo tática está atrelado ao conceito de Michel de Certeau (2011). De acordo com o autor, as estratégias são ações planejadas a partir de uma posição de poder, com o objetivo de criar sistemas e discursos abrangentes que dominem as esferas sociais. Em contrapartida, as táticas surgem de uma posição sem controle ou domínio próprio, sem autonomia. Elas são ações espontâneas e surpreendentes, favorecendo as minorias que, ao contrário das corporações e do Estado, não possuem o poder da visibilidade. As táticas se manifestam como respostas rápidas, imprevisíveis e flexíveis, enquanto as estratégias são caracterizadas por uma estrutura centralizadora e controladora. Quanto mais rígida a estratégia, mais suscetível ela se torna às táticas.

F.P. e T.P.: Houve algum programa de rádio ou algum locutor que motivou vocês a experimentarem a linguagem radiofônica?

T. H.: A inspiração, acredito que o que pegou mesmo foi a *Band FM 105.9*. Eu não me lembro o nome do locutor, mas ele era um cara muito comunicativo. Eu morava em Santo André, e eu vim para cá com mais ou menos 11 anos. A gente ouvia a *Band FM 105.9*, tocava Rap também. Não era nem Rap, era os pesos do baile, as *black music*, os bailes das cascatas, acho que os caras retransmitiam. Transmitiam o baile ao vivo na rádio. Aí eu tive bastante influência dos meus tios, do meu próprio pai. Mas a *Band FM 105.9* foi um *start* e outra coisa foram os movimentos. A gente conheceu bastante gente através da *Nação Hip Hop*, *Face da Morte* etc. Tivemos a oportunidade de conhecer um pouco do finado *Preto Góes*, e a gente sabia que nesses lugares tinham uns caras que se mobilizavam através do Hip Hop para passar conhecimento para as pessoas. Eu lembro que tinha um livro aqui da biografia do Malcolm X que ficava rodando na quebrada e eu acho que eu nunca tive a oportunidade de ler ele inteiro, mas foi um livro que transformou bastante gente, aqui principalmente, do movimento. Tinha bastante gente, mas que hoje não faz mais parte por causa de filho e responsabilidades familiares, mas eu tenho uns amigos que eu encontro e a gente vê que o interesse continua, os caras comentam ainda sobre música, lançamento, sobre política, que é muito importante. Mas tem uns que desistiram mesmo, assim, são só ouvintes. Alguns colam em show. O Rap é que nem os roqueiros, quem curte não larga. É um estilo de vida. O cara vai levar para a vida inteira.

12

T.P.: Fiz o prefácio do livro intitulado *Música Extrema em Deba(r)te: saberes e práticas marginais* (Barchi et al., 2024) e falo que a diferença do movimento Metal para o Hip Hop é que no Hip Hop é a galera que vive tudo aquilo. Já a galera do Metal não vive, necessariamente, mas vê. O Hip Hop é onde se vive, lugar da experiência, um lugar dialógico, e que essas produções deveriam estar mais alinhadas em alguma medida. O Hip Hop é um movimento que fica mais na quebrada e é gigantesco, porque mobiliza o

comércio local, a consciência, a diversão. Isso é o lema do Hip Hop: paz, amor, união e diversão, mas que não chega em um monte de lugar por conta disso. Não está nos meios de comunicação de massa.

T. H.: Aqui na rádio tem um programa depois do nosso que é o *Rock nas Vêia* com o Fabião. É aos domingos, depois da gente. Aqui foi muito forte, o rock. O Ferreirinha era Punk. Ele não é presidente, mas é o cara que faz tudo na rádio, é o coração da rádio *Cultural FM 87.7*. Ele é do movimento rock e a gente tem uma proximidade com o rock. E bastante gente do rock migrou para o Hip Hop. Pegaram influência da música em casa e depois viraram tudo MC. Acho que é justamente por causa disso, a identificação. O Hip Hop e o Metal conversam justamente na marginalidade, do não aparecer, do ser invisível. É do Underground, da música independente, de fazer você mesmo a coisa rolar.

F.P. e T.P.: Realmente é verdade, pois a rádio comercial não tem interesse nesses estilos devido ao fato dessas músicas serem criadas especificamente para um nicho. E aqui vocês encontraram um espaço. Mas, mesmo com essa conquista, vocês já sofreram algum tipo de violência ou repressão devido às ideias que vocês propagam?

13

T. H.: Não diretamente porque a rádio comunitária não levanta muita bandeira. Inclusive tem gente de todos os partidos aqui nos programas. Só que a nossa linha do Hip Hop tende mais a centro-esquerda. Apesar que seria até interessante, ao nível de debate, trazer alguém da direita para estar trocando ideias. Mas tem, querendo ou não, pelo que a gente fala, pela nossa ideologia, ser mais voltada às causas sociais e aos movimentos que apoiam essas causas, querendo ou não.

F.P. e T.P.: Sabemos que há uma variedade de pessoas entrevistadas no programa. Vocês poderiam traçar um perfil dos entrevistados?

T. H.: A gente gosta de trazer um político, como o secretário de segurança pública, e debater sobre a violência. Perguntar porque acabou todos os pancadões da cidade, por exemplo. Não tem mais, você vê a polícia em tudo quanto é canto. Nas quebradas de Sorocaba, os ônibus param de passar muito cedo nos finais de semana. Como o cara vai sair para outros lugares para se divertir? Os caras têm que se divertir lá mesmo. Agora no *Informasom*, a gente entrevistava o pessoal da quebrada. Como o ex-técnico do *São Bento Futebol Clube*, ele mora aqui na quebrada. O seu João, um dos primeiros sapateiros daqui. Faz sapatos, sandália, cinto de couro. O Cacique, que tem um time de futebol, já participou do programa. Se você observar, o *Informasom* entrevistava gente nada a ver com o Hip Hop. Mas é Hip Hop também, por estar ali no contexto social nosso, na engrenagem. A gente trazia por exemplo a mulher da ASIPECA¹⁴ para estar trocando ideia, a Renata para falar da dança afro. Hoje, se você tem um movimento cultural, você pode anunciá-lo na rádio comunitária, e a gente tem esse compromisso, principalmente se for do bairro.

T.P.: Fui na batalha de rima do Bairro Ipiranga. A batalha dos jovens demorou para começar porque a galera sai do Parque São Bento, por exemplo, e, até chegar no Ipiranga é necessário atravessar toda a cidade de Sorocaba. Quando começou o evento a polícia e a fiscalização apareceram e acabaram com o evento.

F.P.: Vocês têm contato com outras rádios ou com outras pessoas do movimento Hip Hop fora do Brasil?

T. H.: Muito pouco. Eu acompanhava bastante um pessoal do Chile. A gente via o Hip Hop vinculado a umas pessoas ligadas ao movimento indígena, se não me engano. No *Informasom* era mais, porque a gente tinha muito mais tempo. A gente ficou com o Dinho

¹⁴ A ASIPECA- Associação de socorro Imediato para pessoas com Câncer e Autismo.

uns cinco anos, depois que o Dinho faleceu, mais dois anos, então deu em média uns oito anos de programa de rádio. Então sempre alguém interagia de fora para trocar ideia. Pessoas do Japão já vieram falar com a gente. Querendo ou não, a internet ajuda bastante gente. Gente de todo lugar pode estar acessando e ouvindo.

F.P. e T.P.: Qual o impacto do rádio e do Hip Hop na vida de vocês?

T. H.: O Hip Hop salvou minha vida. Todo o conhecimento que eu tenho foi através do Hip Hop. Fui saber quem é Martin Luther King, quem é Malcolm X pelo Hip Hop. Inclusive, entrei numa cadeia sem nunca ter um antecedente criminal, porque tantos relatos que eu ouvi, sei como agir dentro de uma penitenciária, eu sei os procedimentos, como tirar o sapato, sei os artigos de lei através do Rap. Então é um contexto que, apesar de ser duro, acabou me educando para não estar envolvido no mundo do crime. Porque a gente sabe que é ruim, tem muita gente que passou por isso e fala para não irmos para a cadeia. Lá é comida azeda, violência, você “vai para o pote” rapidinho. Através dessas letras, o Hip Hop salvou a minha vida. Tem vários tipos de Rap, e ele na verdade é um amigo. Todo moleque solitário de periferia que está sozinho, sem rumo, escuta uma música de Rap e ele começa a achar o Norte dele. A música acaba sendo um pai, um irmão mais velho. Então, Hip Hop é salvador, é transformador, é um movimento que me tirou de uma timidez terrível. Eu não conseguia falar duas, três palavras com ninguém, e fez um cara tímido pegar um microfone, tentar escrever uma rima, sair cantando por aí. Essa é a importância do Hip Hop na minha vida. E a rádio também faz parte. Através da rádio, a gente ouvia o Rap. E virar comunicador, além de desafiador, foi bastante importante na minha vida, porque acho que agregou em muitas coisas. Tanto nessa troca de ideia, no pensamento rápido, você tem que desenrolar rapidinho para estar falando, para estar pontuando as coisas. É muito interessante. Eu acompanho rádio desde moleque, por causa da minha mãe. Quando mudei para cá, era o locutor Paulo Silas. Minha mãe cozinhando e o Paulo Silas no rádio. Até hoje, se você for nas casinhas na comunidade, o

rádio tá ligado. Por mais que muita gente diga, ele não morreu. De jeito nenhum. Você entra em um Uber, ele está numa frequência de rádio.

A. B.: O Hip Hop, como todos que são do movimento, nos salvou do contexto que a gente vive e vê todos os dias. E eu sempre ouvi essa rapaziada, desde o movimento de rádio, que eu tentava gravar em casa, porque a gente tinha um grupo. E o sonho de todo moleque era ter uma rádio comunitária. Hoje fazer parte dessa rádio é uma alegria imensa, e tá do lado do Saci é um prazer enorme. O Hip Hop sempre salvou e sempre vai salvar. Sempre tem uma letra que não é um pai ou uma mãe que vai te dar o conselho, mas sim aquela letra que você ouve e pensa: “É isso aqui que eu tenho que fazer”. É melhor que um ombro amigo. De onde eu vim até onde eu estou hoje, é graças ao Hip Hop. Hoje provavelmente eu não estaria aqui, poderia estar do outro lado, na outra estatística. O Hip Hop é contra isso, contra o sistema. Então, hoje, graças a ele, faço grafite, sou DJ e já fui MC no começo da minha história. Agora, a rádio, pra mim, é um sonho que eu sempre quis, desde moleque, ter conquistado.

T.P.: Quero entender um pouco da participação feminina nessa trajetória. A gente sabe que é mais difícil ver mulheres no Hip Hop, apesar de ter crescido bastante. Mas hoje, qual é a história da mulher no movimento? Qual é a proporção?

T. H.: Muito baixa. A gente tem essa deficiência no próprio movimento. É um movimento machista, a gente admite isso. Inclusive, no *Tá Ligado FM*, a gente tem três mulheres, elas são a maioria aqui. Tem a Vily, a Paulinha e a Mayara.

T.P.: E vocês fazem esse movimento hoje por uma questão de reparação, de ter essa consciência que o Rap e o Hip Hop, por muito tempo negligenciou as mulheres?

T. H.: Na verdade, foi pela capacidade delas. Porque a gente queria falar de moda, que tem tudo a ver com o Hip Hop, e a Mayara faz um trampo de moda, costura, e é bem antenada no movimento de rua, basquete etc. E na verdade, a Paulinha é o cérebro do programa, até mais que a gente. Ela que idealizou toda a dinâmica do programa primeiro. Ela que chamou as pessoas para fazer o *Tá Ligado FM*, pensou em como fazer os blocos da programação. Tanto que ela quem me convidou.

T.P.: Então o *Tá Ligado Hip Hop* parte de uma figura feminina?

T. H.: É um coletivo, mas essas figuras se fazem bem presentes.

T.P.: Elas estão ali na gestão e trazem outras mulheres para dar protagonismo. E na rádio, toca mulher?

17

A. B.: Toca bastante. Não na mesma proporção, mas sempre estamos colocando música nova. Sábado retrasado tocamos Natalia MC, que lançou o som dela. Hoje vai ter show dela.

T. H.: Inclusive, a DJ Vily faz parte do *Clã das Mina*, que é um grupo de mulheres.

Referências

- Barchi et al. **Música extrema em deba(r)te: saberes e práticas marginais**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.
- Bernal Torres, C. A. **Metodología de la investigación: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales**. Bogotá: Pearson Educación, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Hoffman, M. L. **Fragmentos da história: o uso da fotografia para a recuperação e a preservação da memória de Londrina**. 2015. 451 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- Lozano, J. E. A. Prática e estilo de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 15-25.
- Manzini, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- Meihy, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.
- Parra, F. **Rádios livres sorocabanas: 40 anos depois**. 2023. 265 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-11072023-144537/pt-br.php>. Acesso em: 13 set. 2024.
- Postali, T. **Blues e Hip Hop: uma perspectiva folkcomunicação**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
- Triviños, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.